

A CICATRIZ

Ilan Brenman

Resenha

Bastou que Silvinha fizesse um movimento desajeitado ao pegar de volta o travesseiro que havia escorregado da cama para que batesse o queixo no chão e sentisse uma dor indizível. Quando os pais vieram acudir aos gritos da filha, deram-se conta de que, mesmo estancando o sangue com uma toalha e passando bastante gelo no local, não era possível fechar o corte: ela precisaria ser levada ao pronto-socorro e provavelmente receberia alguns pontos. Ao ouvir a palavra "hospital", Silvinha se assustou ainda mais: o que iria acontecer com o seu queixo? Será que ela ficaria feia para sempre?

Foi então que seus pais revelaram suas próprias cicatrizes pela primeira vez: a mãe tinha uma na testa, o pai outra no dedo mindinho. A caminho do pronto-socorro, os dois lhe contariam as histórias de infância por trás de cada marca: a mãe ainda era criança quando bateu a testa em um armário após rodopiar nos braços de um primo; o pai havia caído de um balanço.

Enquanto se preparava para finalmente receber os pontos, a garota não pôde deixar de notar que até mesmo seu médico tinha uma cicatriz na bochecha: ela remontava aos tempos em que havia levado um tombo ao tentar alcançar uma maçã num galho particularmente alto de uma árvore do sítio do seu avô. A essa altura, enquanto os pais de Silvinha seguravam suas mãos para que ela aguentasse a dor da picada da anestesia local, a ideia de



Coordenação:
Maria José Nóbrega

ter uma marca no corpo já lhe parecia menos dramática. De volta a sua casa, com um curativo no queixo, a menina quis logo telefonar para os avós, tios e primos, ansiosa para descobrir se eles também tinham uma cicatriz...

Em *A cicatriz*, Ilan Brenman procura chamar a atenção de seus jovens leitores para o fato de que as histórias não se encontram apenas nas páginas dos livros: muitas vezes, elas se mostram presentes até mesmo na superfície dos corpos. Afinal, as crianças, para quem esse livro foi escrito, assim como o próprio autor, possuem um corpo: organismo sofisticado e versátil, que, apesar de tudo, está sujeito a cortes, fraturas, queimaduras e doenças. Ilan Brenman nos lembra de que os acidentes que sofremos e suas conseqüentes cicatrizes, por mais que sejam desagradáveis, dolorosos e perturbadores no momento em que os vivenciamos, mais tarde tornam-se parte de nossa história, uma história que podemos compartilhar com outras pessoas. O que mais parece surpreender e interessar Silvinha é que as marcas dos adultos prestam um testemunho vivo de que eles também já foram crianças – coisa que lhe parece extraordinária. De fato, as cicatrizes que trazemos conosco sobrevivem à passagem do tempo, à mudança e ao envelhecimento.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Tem uma coisa muito legal no trabalho do Ilan Brenman: falar de coisas que acontecem com todo mundo. Muitos de seus livros são narrativas sobre coisas comuns, às quais, como pais e mães, não damos muita atenção no dia a dia, mas que tomam um grande tempo de nossas vidas e uma parte importante de nossas preocupações.

A *cicatriz* corre leve na leitura com as crianças, ainda que, logo na segunda página, minha filha tenha feito questão de apontar: "Sangue!". O Miguel (seu irmão mais velho) grita quando vê sangue. E a leveza se dá justamente na lida com esse trauma real, cotidiano, muitas vezes tratado como desimportante.

Embora a leitura aqui em casa tenha sido rápida e fluida, as ilustrações de Ionit Zilberman não saíram tão cedo da memória de minha filha pequena: nos

dias que se seguiram ouvi "quero uma saia que nem da menina da cicatriz" (sim, ela queria uma saia de renda). E linhas pontilhadas terminadas em setas passaram a povoar desenhos, indicando o caminho de deslocamento dos objetos e personagens, exatamente como o queixo de Silvinha!

E o assunto também não se esgotou aqui até agora. Desde a leitura do livro, já contei a meus filhos três vezes a história de uma grande cicatriz que tenho na mão (e que ganhei me descuidando com uma varinha mágica, juro!), minha namorada narrou a queda de bicicleta que lhe rendeu uma enorme cicatriz no tornozelo, contei das cicatrizes que meu pai ostentava na frente e da cicatriz que minha mãe traz até hoje no queixo. Meu filho mais velho lembrou-se de quando quebrou o braço, e a pequena, tadinha, ficou procurando uma "cicatriz de uma picada de pernilongo bem grandão que tem na praia" para também poder entrar na brincadeira... Mas ela só tem mesmo a marquinha da vacina.

Curiosamente, também tenho trabalhado com tatuagens nos últimos tempos, e minhas crianças

relacionaram meus desenhos corporais com cicatrizes, o que é incrível, porque tatuagens são, efetivamente, cicatrizes que escolhemos ter.

Mas o assunto mais retrabalhado aqui em casa foi o acidente em si, o sangue, o quebrar, o cortar. Meu filho de fato tem um grande pânico de sangue e lembrou-se detalhadamente dos momentos em que se machucou, ou viu amigos se machucarem. “Quando a gente leu esse livro, pai, eu só ficava lembrando de quando o Pedro (um grande amigo dele) teve que levar pontos na cabeça, aquele dia na praça. Lembra, pai? Ficou escorrendo sangue.”

Entre essas muitas lembranças, meu filho pôde, talvez até sem perceber, elaborar um bocado de coisas. Pôde rir de sua própria reação ao ver os amigos machucados, pôde entender o que fazer nesses casos, pôde – acredito eu – entender a importância das marcas em nossos corpos.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais

de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Leia mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A vida de Fernanda*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *O estranho dia de Luíza*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quero nascer de novo!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Toinhonhoim e a força dos cabelos encaracolados*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *Mari e as coisas da vida*, de Kaatje Vermeire. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *A máquina de retrato*, de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O guardião da bola*, de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Raul da ferrugem azul*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.

 MODERNA

